



Nina Oliva

Letras & A Morte

EDITORA PENALUX
Guaratinguetá, 2024

1

A SELVA DE JUNO

Escritório de Arquitetura “Stone & Associados” – São Paulo, 10 de maio

“Coragem é tudo na vida” – dizia a mim mesma enquanto me esforçava para projetar uma imagem de auto confiança, tranquilidade e equilíbrio sobre meu salto 10 – “Quando ganhar o prêmio Maria Moors Cabot, vou denunciar o uso de salto como fator de insalubridade no jornalismo” decidi.

Por que mesmo eu decidi ser jornalista? Volta e meia eu me fazia essa pergunta. Às vezes, quando eu reportava as horas que eu trabalhava para a Redação do Jornal, eu achava que tinha feito besteira, mas, outras vezes, quando eu olhava para o meu saldo no banco eu tinha certeza que tinha pisado na bola... ainda assim... eu vivia com um burburinho dentro de mim, um ruído constante que só silenciava quando eu investigava – parecia até que eu tinha nascido no centro de um labirinto e fazer pergunta era o meu fio de Ariadne... Esse trabalho que eu vou tentar agora pode mudar minha sorte – pela primeira vez na minha vida, vou me render ao poder do capital – essa é a minha principal motivação: pagar minhas contas... é verdade que o drama da Luiza Stone tocou uma corda lá no fundo de mim, não sei porque...

Acho que de tão acostumada que estou com feminicídios – acabei estranhando quando os papéis foram invertidos... a mulher foi quem recorreu à violência... acho que foi isso... e também o lugar escolhido, meu Deus! O crime escapou das margens da sociedade e invadiu o centro do palco e ainda por cima escolheu o camarote mais caro para se sentar – o assassinato vitimou um representante do 1% mais rico da população do planeta e os outros 99% ficaram assistindo ao drama estarecidos, sem entender nada – que nem eu.

O escritório de arquitetura da “Stone & Associados” de tão imponente chegava a ser um pouco assustador – ocupava o vigésimo primeiro andar de um dos prédios icônicos da Faria Lima, zona Sul da capital Paulista – lá embaixo, na avenida, o PIB brasileiro desfilava em suas melhores roupas – à distância, a gente via o rio Pinheiros sinuoso, lindo e sufocando embaixo de toneladas de lixo – descartes da indústria – a da moda, inclusive.

– Bom dia, posso ajudar? Perguntou a recepcionista, colete preto sobre a camisa branca, com um sorriso tão profissional quanto seu uniforme

– Bom dia Raquel – disse lendo a identificação da funcionária – sou Julia Noland, vim ver o Luciano, é sobre uma casa que vou construir em Angra. Respondi com uma naturalidade espantosa e senti um fio de suor começar a escorrer na base da nuca.

A recepcionista hesitou por um segundo, como se tentasse identificar um Luciano no diretório da empresa.

– Sr. Stone, claro! A senhora tem horário agendado? Perguntou se recuperando do imperceptível tropeço funcional.

Neste momento o suor já escorria pelas minhas costas e eu podia sentir minhas axilas grudarem, foi então que abri meus olhos como se acabasse de receber a notícia de que a Terra era de fato plana e perguntei

– Horário? É preciso horário para ver o Luciano? Ele me disse para passar aqui qualquer dia, não me disse nada de horário!

A mocinha ficou estática, talvez tentasse avaliar a probabilidade daquilo ser uma armação ou talvez estivesse pensando que já era hora de ter um aumento, começar a aprender inglês, conhecer Angra... é impossível saber o que passa pela cabeça da outra pessoa

– Tudo bem, eu posso voltar aqui outro dia... quando voltar de viagem. Disse já fazendo gesto para me retirar pois o show não podia parar.

– Não, não, espera um minutinho, faz favor. A recepcionista interveio piscando nervosamente, certamente o sr. Stone comeria seu fígado se soubesse que ela havia deixado escapar uma cliente potencial, fosse por hesitações a respeito da segurança corporativa ou de caráter pessoal – A assistente do dr. Luciano está de licença, mas ele deve chegar a qualquer minuto, por que a senhora não me acompanha?

Raquel convidou esperançosa de ter dado o passo certo e foi pisando com convicção com seu salto 15 por um corredor que podia ser o de uma galeria porque, eu digo a você, nunca vi tantas obras de arte reunidas num só lugar.

– Fique à vontade, aceita um café? Disse ela enquanto abria a porta de uma sala de reuniões para que eu entrasse.

Quando sentei na cadeira, senti todos os músculos do meu corpo contraídos – mentir era – definitivamente – um negócio incrivelmente exaustivo! Ainda assim, tinha um sentimento de realização tão concreto quanto as paredes daquele escritório no vigésimo primeiro andar da Faria Lima – eu acabara de matar um filhote de leão – “Parabéns, Juno!” – felicitei a mim mesma.

João Pedro era o nome do rapaz que me servia o chá – parecia mais jovem que eu – não devia ter nem vinte anos, era charmoso, dentes muito brancos, um sorriso lindo – um verdadeiro Deus negro. Devia ter percebido que eu estava tensa pois comentou.

– É bonito aqui, não acha?

– É maravilhoso! Respondi em meio ao meu encantamento estético – em sentido amplo

João Pedro tomou minha reação como a senha para demonstrar seus conhecimentos técnicos – esclareceu que eu estava sentada em uma cadeira desenhada por Joep van Lieshout para Lensvelt.

Esclareceu, a seguir, que ele, pessoalmente, ainda preferia a clássica “Aeron” da Herman Miller como a que a Raquel estava sentada, acrescentou iluminando minha ignorância.

Deu uma gargalhada quando perguntei se ele era algum tipo de bruxo, se praticava satanismo – era a única forma de um ser humano ter posse de todo aquele conhecimento, no meu entendimento.

– Trabalho aqui há três anos, faço Design na Belas Artes, sou bolsista, o café aqui ajuda a pagar pelos livros. Explicou e, neste minuto, a porta se abriu – Bom dia Sr. Stone, posso trazer seu expresso? Ofereceu em tom profissional.

Luciano Stone olhou para João Pedro e depois para mim como se estivesse indeciso sobre quem cumprimentar primeiro, apalpou o bolso do blazer como se procurasse algo, a seguir esticou o indicador da mão direita e dobrou o polegar, como se estivesse disparando uma arma imaginária – um gesto que se repetiria muitas outras vezes, em outros momentos – aceitou o expresso oferecido para mudar de ideia em seguida e pedir um chá como eu, quando João Pedro acabara de sair, Stone abriu a porta e colocando a cabeça para fora, disse.

– Olha, não precisa trazer nada não. Obrigado.

Se eu encontrasse Stone na rua, apostaria que ele era inglês: alto, magro, pele muito clara, nariz afilado e protuberante, olhos azuis aguados, cabelo castanho, calvo. Ele também tinha a formalidade britânica.

– Prazer em revê-la, srta. Noland – disse ele estendendo a mão, sentindo-se visivelmente desconfortável, ele não tinha nenhuma ideia de quem eu era.

– Adorei seu escritório, é tão cheio de luz e de flores! – eu disse para quebrar o gelo e ganhar um mínimo de simpatia que me permitisse avançar na minha caça.

Stone deu um sorriso constrangido – claramente um homem que estava se esforçando muito para permanecer no papel de executivo embora estivesse no olho do furacão, com a vida

virada de ponta cabeça – olhou para baixo e a seguir para o vaso de tulipas brancas sobre a mesa com um ar de tristeza comentando baixinho – As flores são escolha da Luiza, minha mulher.

Essa era a minha deixa.

– Adoro esse nome! Minha tia favorita se chamava Luiza! Ela sempre foi apaixonada por flores e por crianças, ai, que saudades que eu sinto dela! Ela trabalhou como professora a vida toda, sabe? Montou a própria escola – uma mulher fantástica... inovou a metodologia de ensino para crianças lá no Sul.

Introduzi a história da minha querida tia com entusiasmo crescente e fui enrolando Stone na minha narrativa para então largá-lo sozinho e em suspense no ápice – até que um dia uma coisa horrível aconteceu...

– Uma coisa horrível? Perguntou Stone devidamente enredado na história.

– Foi um mal entendido... uma criança de nove anos... uma menininha... não queria fazer aula de natação, aquela coisa típica da idade, sabe? Uma menina fofinha, um pouco mais gordinha que as coleguinhas, enfim, pra não ter o perrengue de enfrentar mãe, enfrentar pai, acabou pegando um atalho – nada de propósito, coisa de criança, sabe? Fantasizou que tinha sido molestada pelo professor de Educação Física... Isso foi há quase 20 anos atrás, a escola era no interior do Rio Grande do Sul – todo mundo conhecia todo mundo. Foi uma coisa horrorosa, feia mesmo – histeria, xingação, os pais usaram a mídia social – que era só o Orkut na época, imagina – para endemonizar o professor, derrubar a escola e fizeram tanto barulho que a imprensa local entrou no jogo

EDITORA
www.editorapenalux.com.br
penaluxeditora@gmail.com

Livros iluminam

Este livro foi composto em Dante MT Std
pela Editora Penalux e impresso em papel
off-white 80 g/m², em abril de 2024.
